



PARADOXALMENTE O ‘MELHOR DO MUNDO’

O mundo, apesar de todos os problemas, discórdias, corrupção, guerras, necessita de um “happy hour” para fazer com que os terráqueos tenham alguma alegria de viver. E o brasileiro, adepto à diversão rotineira (o que os gringos chamariam de *carnaval* ou *samba*), é o mais beneficiado com esse evento mundial que ocorre a cada quatro anos.

Em época de copa do mundo, a seleção canarinho parte para a terra do sol nascente para disputar o título mundial, almejando o penta campeonato contra entidades (países) melhor posicionadas do que nós, quando se trata de situação financeira, expectativa de vida, etc, etc.

Mas claro! O futebol, sendo a válvula de escape mais aquecida para o brasileiro fugir da realidade, ousa levantar o nariz para enfrentar times de gente como a gente, que, por um privilégio inexplicável, não morre na fila da Previdência Social. Então, nesse campeonato junino, inflamamos o peito para admitir: “Sou brasileiro!”, já que ao menos dentro do estádio nos orgulhamos da integridade existente no lema “Ordem e Progresso”, que forra adequadamente as latas de lixo da família brasileira.

Então, quando Ronaldinho ‘fenômeno’ e cia. limitada trazem a taça à “pátria amada, idolatrada, salve, salve!”, as autoridades tratam de mostrar como a nossa mente é provinciana, capaz de dar valor a algo tão trivial. Pior, a Rede Globo expõe a todos que quiserem assistir que ser pobre e miserável, como a maioria dos brasileiros, não é tão ruim assim, já que ao menos a família Scolari coloca um sorriso no rosto de quem sonha com um salário mínimo para sustentar os filhos.

Dessa forma, erguemos os sete quilos de ouro maciço para mostrar que não somos tão fracos a ponto de não conseguirmos suportar o peso da alegria. Mas mostramos, assim, que não temos força para sustentar a realidade em que vivemos, que não se resume a uma taça de ouro.

Assim, vestimos a camisa verde e amarela, executamos as atividades cotidianas com o orgulho de ser o ‘melhor do mundo’. Talvez realmente seja melhor acreditar nisso; afinal, a vida real é bem pior para quem vive aqui. Então, por que não viver em um conto de fadas, já que neste podemos ser o “melhor do mundo”? esse título se torna um paradoxo para quem vive tentando enxergar a realidade...

Sara Cristina Guimarães da Rocha
2º Ano do Médio / Itajaí
2002